



EUROPEAN CITIZENS' PANEL
Tackling Hatred in Society



Painel de cidadãos europeu sobre o Combate ao Ódio na Sociedade

Resumo da sessão 1

[5-7 de abril de 2024]

Em poucas palavras...

Uma primeira sessão tocante e promissora

Como podemos explicar o aumento do ódio na sociedade? Quais são os seus propulsores e as suas causas? E como podemos combatê-lo coletivamente? Ao longo de três fins de semana, 150 cidadãos da UE selecionados aleatoriamente, reunidos pela Comissão Europeia, procurarão responder a estas questões difíceis. Os cidadãos apresentarão, em última análise, um conjunto de recomendações que contribuirão para o trabalho da Comissão Europeia no desenvolvimento de estratégias de combate ao ódio.

A primeira sessão deste novo painel de cidadãos teve lugar entre 5 e 7 de abril, em Bruxelas. Peritos e membros da sociedade civil partilharam as suas experiências e conhecimentos sobre o tema ao longo dos três dias. O objetivo deste primeiro fim de semana era promover uma melhor compreensão do ódio e do seu impacto nas pessoas e na nossa sociedade. Os participantes dos 27 Estados-Membros da UE debateram os seus diferentes contextos nacionais e culturais, bem como as suas experiências pessoais. Estes relatos comoventes e honestos foram um dos aspetos que tornaram a primeira sessão deste painel diferente de qualquer outra.

O que podemos aprender com esta primeira

Dia 1: Compreender as manifestações de ódio

«*Pretendemos envolver-vos no debate político desde o início*», afirmou **Dana Spinant**, diretora-geral da Direção-Geral da Comunicação (DG COMM), ao acolher os cidadãos na sexta-feira.



«*Ficarão surpreendidos com a diversidade das respostas, mas também com a dificuldade das questões que se colocam*», continuou **Colin Scicluna**, chefe de gabinete da Vice-Presidente Dubravka Šuica. Com efeito, para **Ana Gallego Torres**, diretora-geral da Direção-Geral da Justiça e dos Consumidores, os desafios relacionados com o ódio podem ser abordados com o contributo dos cidadãos. «*Precisamos das vossas opiniões para que possamos analisar as questões sob diferentes ângulos. A UE é uma União que valoriza o respeito pelos direitos humanos e pelas pessoas pertencentes a minorias. Queremos respeitar a opinião de todos; é esse o nosso contrato social e é isso que nos torna europeus*».

O painel procedeu à análise de várias dimensões do ódio — psicológico, sociológico e jurídico — com membros do Comité do Conhecimento.

O ódio não é meramente um pensamento...

Para **Manos Tsakiris**, professor de Psicologia na Universidade de Londres, um dos desafios reside em descobrir «porque» podemos sentir ódio, nomeadamente através da consciência emocional. **Arun Mansukhani**, psicólogo clínico especializado em traumas psicológicos, referiu que nos definimos através das nossas relações com outros grupos, diferenciando-nos. Esta diferenciação, que se baseia em vários preconceitos, pode abrir caminho à discriminação.

O ódio é sistémico

Jelena Jovanovic, coordenadora do Intergrupo «Anti-Racismo e Diversidade» no Parlamento Europeu, partilhou a estigmatização de que foi vítima enquanto pessoa cigana. **Federico Faloppa**, professor de Sociolinguística na Universidade de Reading, destacou o papel fundamental que a linguagem desempenha no enquadramento da nossa visão do mundo. A nossa linguagem quotidiana está cheia de expressões que propagam o ódio: de insultos racistas declarados a metáforas desumanizantes, e expressões aparentemente inocentes, mas insidiosas: estas podem reforçar as noções divisionistas de «nós» contra «eles».

Quais são as respostas jurídicas?

Nesrine Slaoui, jornalista independente e autora centrada nas redes sociais, abordou a expressão do ódio como um fenómeno global que transcende as classes sociais. Destacou a cultura da Internet, especificamente a ciberintimidação, e a questão das distorções algorítmicas que refletem discriminações societárias. Do ponto de vista jurídico, **Daris Lewis-Recio**, responsável jurídico e político da EQUINET (a Rede Europeia dos Organismos para a Igualdade), examinou os crimes de ódio e a sua frequente falta de denúncia. Esta tendência alarmante constitui uma ameaça significativa para a integridade democrática.

Dia 2: Definir os propulsores do ódio



No sábado, os cidadãos foram divididos em 12 grupos mais pequenos para aprofundar os principais propulsores e causas do ódio na sociedade contemporânea. Embora o conteúdo de cada debate permaneça confidencial, o resumo que se segue reflete determinados fatores fundamentais e recorrentes que surgiram nos diferentes grupos.

A Necessidade de Pertença, e o Medo Do Desconhecido

Um aspeto fundamental da natureza humana é o desejo inato de pertencer a um grupo social. O isolamento, impulsionado pela solidão, por acontecimentos traumáticos na infância, pela educação e pelas experiências de vida em geral, promove um profundo sentido de alienação. A pandemia de COVID-19 salientou a forma como o medo do desconhecido e do isolamento pode amplificar os sentimentos de desconexão, empurrando as pessoas para ideologias extremas e para o risco de radicalização, promovendo assim a animosidade em relação aos outros. Além disso, um estatuto socioeconómico frágil não só acentua a

vulnerabilidade, como também amplia os receios, nomeadamente dos migrantes e das minorias, contribuindo para um ciclo de exclusão e ódio.

O Papel dos Políticos e dos Discursos Políticos

Os políticos desempenham um papel significativo na promoção do ódio, não respondendo muitas vezes de forma adequada às necessidades das minorias e cristalizando a animosidade contra elas. Os discursos nacionalistas e populistas representam um desafio complexo em vários países, mesmo que a sua presença possa não ser tão importante em todos os Estados-Membros da UE. O discurso de ódio constituiu um instrumento conveniente para os políticos prosseguirem os seus objetivos, incluindo as ambições eleitorais, conduzindo a uma simplificação excessiva do discurso político. Esta tendência para a integração do discurso de ódio baseia-se na ignorância e no medo do desconhecido sentidos por muitos cidadãos europeus, dividindo ainda mais as sociedades e aumentando a polarização.

Ciberintimidação, anonimato e desinformação nas redes sociais

O anonimato proporcionado pelas plataformas sociais desempenha um papel crucial na propagação do discurso de ódio. Estas redes desempenham duas funções: a de canais para informações falsas e desinformação, e a de difusão de estereótipos, especialmente contra as mulheres, que enfrentam um significativo assédio em linha. Os jovens, que procuram um sentimento de pertença, são provavelmente tanto participantes como vítimas primárias de discurso de ódio e assédio em linha. O desafio de fazer face a informações falsas e não verificadas é agravado por distorções algorítmicas que criam câmaras de eco, ou bolhas, que nos transmitem os nossos próprios pontos de vista, reduzindo a exposição a diferentes perspetivas.

Desigualdades Económicas e Sociais como Catalisadores do Ódio

A recessão económica e as desigualdades socioeconómicas atuam como um importante catalisador para a escalada do ódio, instigando sentimentos de privação do direito de voto. A insatisfação geral, associada à perceção de que as classes médias suportam uma parte indevida dos encargos da crise, ao mesmo tempo que enfrentam uma tributação excessiva, alimenta o ressentimento. Este ressentimento pode evoluir para ódio dirigido a vários grupos, incluindo políticos considerados ineficazes, grandes empresas e migrantes.

Legado Cultural e Histórico e respetiva Transmissão

A desconfiança de uns para com os outros não é apenas uma questão externa; também se difunde através do tecido das sociedades europeias, fomentando divisões. Em vez de promover o reconhecimento das nossas diferentes origens, verifica-se uma tendência para transmitir a nossa desconfiança uns para com os outros ao longo das gerações. Esta tendência para a desconfiança é muitas vezes mais fácil do que aceitar o «outro»: as camadas do nosso património, ricas em narrativas históricas, incluindo conflitos como guerras, são-nos transmitidas por vários meios: ensino formal, narrativa familiar e retórica política. Estas narrativas podem moldar perceções e atitudes, reforçando por vezes divisões em vez de colmatá-las. Há ainda uma perceptível falta de compromisso na definição do que une os cidadãos europeus.

Dia 3: Partilha e testemunho



autora

No domingo, cinco oradores testemunharam perante os 150 cidadãos acerca das suas histórias enquanto vítimas de discriminação em razão da sua origem, género, cor da pele, religião ou deficiência física.

Aqui se apresentam alguns relatos: «A adoção de uma perspetiva subjetiva sobre o ódio é crucial para detetar a violência subjacente que este manifesta. Esta abordagem não só aprofunda a nossa compreensão, como também nos orienta na conceção de soluções eficazes para o erradicar.», **Nesrine Slaoui**, jornalista e

«As pessoas com deficiência enfrentam frequentemente mal-entendidos, em que as autoridades competentes nem sempre as levam a sério. [...] É crucial mudar a forma como encaramos e falamos da deficiência para promover uma sociedade mais inclusiva e respeitadora», **Kamil Goungor**, responsável político e de apoio ao movimento na Rede Europeia para a Vida Autónoma.

«O antissemitismo abrange não só a agressão e o homicídio, mas também um espectro de gradações, incluindo estereótipos, preconceitos e discurso depreciativo. Gera profunda solidão, conduzindo a uma retração da pessoa em si própria e prendendo-a num ciclo vicioso.» **Sacha Guttmann**, antigo presidente da União de Estudantes Judeus na Bélgica (UEJB) (2019-2023).



«Esta forma de racismo decorre de um passado distante, de uma era colonial que enriqueceu a Europa, os EUA e o Médio Oriente. As mentalidades mudam a um ritmo demasiado lento. (...) Apesar de tudo isto, mantenho a esperança porque vocês estão aqui e serão aliados na ação.» **Mireille Tsheusi-Robert**, autora, formadora e investigadora «associativa» belga.

«E mbora possamos não conseguir criar um mundo ideal sem ódio, podemos construir um mundo em que a exclusão e o ódio não sejam dominantes, onde a exclusão possa ser eliminada.», **Fabian Wichmann**, dá apoio à saída, enquanto membro da equipa EXIT-Alemanha, às pessoas que querem deixar a extrema-direita.

«Perguntemos o que não sabemos que não sabemos», exclamou **Robin Sclafani**, diretor executivo da CEJI. No final de uma manhã de grande carga emocional, **Tommaso Chiamparino**, responsável político, Direção-Geral da Justiça e dos Consumidores (DG JUST), observou, «Fizemos progressos: de um estado de cacofonia, parece que fizemos a transição para algo mais harmonioso... vamos continuar a nutrir esta música!».

Clique [aqui](#) para ver o plenário de domingo!

Período de perguntas e respostas com Petra (19), da Hungria

Porquê participar neste painel?

«No início hesitei em vir, estava muito cética, mas compreendi que era uma grande oportunidade para me expressar e expressar as minhas opiniões. Sou judia, e na Hungria existe muito antissemitismo, algumas pessoas são abertamente racistas e anti-LGBTQI+; queria falar sobre a situação em Budapeste, local de onde venho.»

Como decorreram os debates?

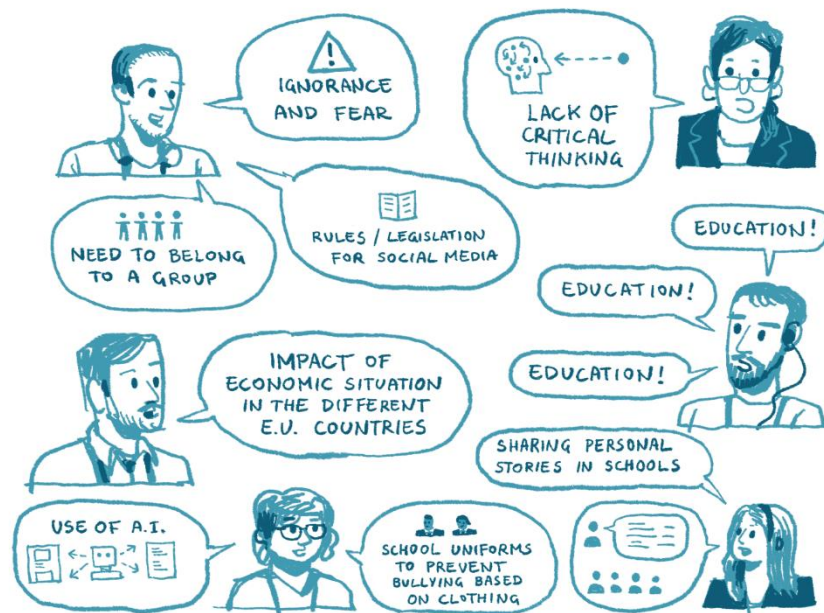
«No meu grupo de trabalho estavam pessoas da Hungria, Irlanda, França e Polónia. Falámos sobre a situação na Hungria e sobre ameaças para as mulheres nas redes sociais, entre outros. Nas redes sociais, as mulheres são retratadas de uma forma que não se coaduna com a realidade, mas sim com aquilo que a sociedade imagina que as mulheres sejam, ou como deveriam ser, o que é muito difícil.»

Qual foi para ti o momento alto do fim de semana?

«Os depoimentos de domingo foram muito poderosos, os testemunhos de Mireille e Sacha sobre o racismo e o antissemitismo foram muito comoventes e tocaram-me particularmente. Este painel é um espaço internacional com todas as nacionalidades da UE representadas tendo em vista compreender e aprender com diferentes pontos de vista e opiniões. É muito importante aprender uns com os outros, e continuar a manifestar mais opiniões, continuar a ouvir e a debater mais pontos de vista sobre o tema do ódio».

O fim de semana na perspetiva de Sylvain

Sylvain é um facilitador gráfico que capta visualmente a evolução dos debates do painel. Segue-se um resumo das suas impressões sobre o plenário de domingo:



Recordatória: Objetivos das três sessões

- **Sessão 1, 5-7 de abril:** Desenvolver um entendimento comum sobre o ódio e o âmbito do painel de cidadãos. Desvendar emoções e percepções de ódio, incluindo partilhando e ouvindo oradores externos, testemunhos e peritos. Identificar diferentes causas e propulsores do ódio, bem como potenciais domínios de ação em que o ódio na sociedade possa ser combatido.
- **Sessão 2, 26-28 de abril:** Com base nos trabalhos da sessão 1, os cidadãos desenvolverão ideias sobre a forma de combater o problema do ódio na sociedade. Estas ideias podem ser consideradas projetos de recomendações.
- **Sessão 3, 17-19 de maio:** Os cidadãos aperfeiçoarão estas ideias e recomendações com o apoio de facilitadores experientes, recursos humanos da sociedade civil e peritos em conteúdos. Por fim, estas ideias tornam-se as recomendações finais sobre a forma de combater o ódio na Europa.